

"AS CRATERAS DE ITABIRA". CORRESPONDÊNCIA ENTRE VILÉM FLUSSER E RODOLFO GEISER SOBRE A ECOLOGIA

*"The craters from Itabira". Correspondence between
Vilém Flusser and Rodolfo Geiser about the ecology*

*"Los cráteres de Itabira". Correspondencia entre
Vilém Flusser y Rodolfo Geiser acerca de la ecología*

**_ROBERTA DABDAB
_NORVAL BAITELLO JUNIOR
_ JOSÉ EUGÊNIO DE O. MENEZES**

Foto: Tama

SOBRE OS AUTORES >

ROBERTA DABDAB >

Fotógrafa e artista visual. Graduada em Comunicação pela Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP). Mestre e doutoranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), onde pesquisa a autonomia e a comunicação imagética dos jovens. Bolsista Capes. E-mail: robertadabdab.9@gmail.com

NORVAL BAITELLO JUNIOR >

Doutor em Ciências da Comunicação e Literatura Comparada pela Freie Universität Berlin (FUB). Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pesquisador Pq1A do CNPq e Diretor científico do Arquivo Vilém Flusser São Paulo. E-mail: norvalbaitello@pucsp.br

JOSÉ EUGÊNIO DE O. MENEZES >

Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: jeomenezes@casperlibero.edu.br

RESUMO > RESUMEN > ABSTRACT >

O artigo inter-relaciona as noções de natureza, cultura e lixo presentes na troca de correspondências entre Vilém Flusser e o engenheiro agrônomo Rodolfo Ricardo Geiser, na época presidente da Sociedade Brasileira de Paisagismo, e destaca a abordagem flusseriana da ecologia como uma ciência arqueológica. Das vinte e seis cartas do período entre 1968 e 1991, destacam-se especialmente aquelas trocadas entre 1982 e 1990. Elas mostram que os três reinos (natureza, cultura e lixo) já estão presentes nas obras anteriores ao período do diálogo, como por exemplo em *Natural:mente* (FLUSSER, 1979). Conclui-se que as correspondências mantidas com Rodolfo Geiser expressam uma postura radical na construção de um pensamento que amplia o conceito de ecologia como mera ciência da natureza para concebê-la como modelo de ciência arqueológica que trata tanto dos ambientes naturais como os ambientes culturais.

Palavras-chave: Vilém Flusser. Rodolfo Ricardo Geiser. Natureza. Cultura. Lixo. Ecologia. Ciências Arqueológicas.

Resumen: El artículo interrelaciona las nociones de naturaleza, cultura y basura presentes en el intercambio de correspondencia entre Vilém Flusser y el agrónomo Rodolfo Ricardo Geiser, en ese momento presidente de la Sociedad Brasileña de Paisajismo, y destaca el enfoque flusseriano de la ecología como ciencia arqueológica. De las veintiséis cartas del período entre 1968 y 1991, destaca especialmente las intercambiadas entre 1982 y 1990. Muestran que los tres reinos (naturaleza, cultura y basura) ya están presentes en las obras anteriores al período del diálogo, como *Natural:mente* - (FLUSSER, 1979). Se concluye que las correspondencias mantenidas con Rodolfo Geiser expresan una postura radical en la construcción de un pensamiento que expande el concepto de ecología como una mera ciencia de la naturaleza para concebirlo como un modelo de ciencia arqueológica que se ocupa de entornos naturales y culturales

Palabras clave: Vilém Flusser. Rodolfo Ricardo Geiser. Naturaleza. Cultura. Basura. Ecología. Ciencia Arqueológica.

The article interrelates the notions of nature, culture and waste present in the correspondence between Vilém Flusser and the agronomist Rodolfo Ricardo Geiser, then president of the Brazilian Landscape Society, and highlights the flusserian approach to ecology as an archaeological science. Of the twenty-six letters from the period between 1968 and 1991, highlights the ones exchanged between 1982 and 1990 stand out specially. They show that the three kingdoms (nature, culture and garbage) are already present in works prior to the period of the dialogue, such as *Natural: mind* - (FLUSSER, 1979). It is concluded that the correspondences maintained with Rodolfo Geiser express a radical stance in the construction of a thought that expands the concept of ecology as a mere science of nature to conceive it as a model of archaeological science that deals with both natural and cultural environments.

Keywords: Vilém Flusser. Rodolfo Ricardo Geiser. Nature. Culture. Waste. Ecology. Archaeological Science.

AS CRATERAS DE ITABIRA”. CORRESPONDÊNCIA ENTRE VILÉM FLUSSER E RODOLFO GEISER SOBRE A ECOLOGIA

PRA COMEÇO DE CONVERSA...

“Doravante o homem servirá de alimento aos seus próprios excrementos. Será devorado por seus instrumentos, suas instituições, suas doutrinas e seus testes” (Vilém Flusser).

A troca de correspondências entre Rodolfo Geiser e Vilém Flusser teve como gatilho inicial os questionamentos do engenheiro agrônomo e paisagista, na época presidente da Sociedade Brasileira de Paisagismo¹, a respeito das relações entre a preservação da natureza e o homem e a paisagem cultural, com o objetivo, entre outros, de problematizar a forma como a ecologia, como ciência natural, poderia contribuir para se pensar essas relações.

Rodolfo Ricardo Geiser conheceu Flusser através da artista Mira Schendel, em meados dos anos 60. Nosso autor promovia encontros no terraço² de sua residência reunindo

1A Sociedade Brasileira de Paisagismo foi fundada em 1969 pelo professor e ambientalista Paulo Nogueira Neto, profissional que depois atuou como Secretário do Meio Ambiente, posto hoje equivalente ao de ministro. A organização não-governamental foi pioneira em pensar e defender uma legislação ambiental que priorizasse a paisagem cultural enquanto bem-estar social.

2“O terraço” é um dos capítulos de Bodenlos, a autobiografia de Flusser. Conferir também o estudo O terraço é o mundo: Vilém Flusser e o pensamento da compreensão (MENEZES; KÜNSCH, 2016)

um “pequeno grupo de intelectuais e jovens sedentos por um conhecimento que não respeitava fronteiras instituídas”.

Flusser também me brindou com sua amizade. Guardo ainda algumas cartas suas sobre ecologia e paisagem cultural. Certa vez, reunimo-nos em minha casa para conversar sobre o significado das crateras deixadas pela mineração em Itabira, MG, e que motivaram o Poeta (Carlos Drummond de Andrade) a abandonar sua cidade natal. Uma das cavas mede cerca de 1.200 x 2.500 metros de extensão e uns bons 400 metros de profundidade... Estávamos: Mira, Flusser e sua esposa, Milton Vargas, Maria Lília Leão, José Resende e Valdemar, um engenheiro cujo sobrenome me escapa à memória. A natureza e sua transformação, o trabalho humano, a técnica, a apropriação e a devastação do progresso... (GEISER, 2014).

Durante trocas de e-mails com a pesquisadora Roberta Dabdab, em 11 de março de 2020, Rodolfo descreve o corpo docente da faculdade Esalq/USP – formou-se agrônomo em 1963 – como bastante conservador, com algumas exceções³. As aulas, na sua avaliação, eram simplistas, quase simplórias; não havia abertura para o pensar. Assim, quando se formou e voltou para São Paulo “faminto por cultura”, Geiser revela:

Flusser era tudo o que eu desejava de um professor, mesmo que de Agronomia... Que chutasse a bola da criação para o alto... Como tantos anos fiquei fascinado pelo Flusser. A meu ver Flusser pensava por modelos. Um modelo leva a outro. Um parágrafo pode conter diversos modelos... E isso é maravilhoso”.

“PENSAR POR MODELOS”

Em um novo e-mail datado de 1 de abril de 2020, Geiser resgata a ideia de modelos: “o que mais Flusser me ensinou foi a importância de se pensar através de modelos. Seriam: modelos de pensar. Vale para todas as áreas do pensamento humano”. E na mesma mensagem reforçou que continua dialogando com seus colegas da Associação dos Engenheiros Agrônomos de São Paulo, sobre a necessidade de se substituir o modelo de agricultura sustentável por um modelo de agricultura marcada pela resiliência. Enfatizou que: “resiliência, não é palavra da moda. Resiliência é modelo de pensar tudo no que tange o homem e o globo terrestre”.

O primeiro questionamento colocado por Rodolfo quando retomou o contato epistolar com Flusser nos anos 80, através das correspondências, foi a preocupação com o desaparecimento da natureza frente a ação desequilibrada do homem. Na carta de 04/10/82, conta que está escrevendo um livro sobre vegetação em áreas ocupadas e que seu parecer seria de extrema utilidade.

³ As exceções a que Geiser se refere podem ser encontradas em carta de 21 de março de 1988, quando destacou o clima intelectual da Esalq na ocasião dos debates entre os professores de genética – Friederich Gustav Brieger – e biologia – Salvador de Toledo Piza Jr. – a respeito do conceito de gene que suscitavam “balbúrdia” entre os alunos.

“Tomo a liberdade de escrever-lhe para pedir alguma luz sobre o tema preservação da natureza, o homem e a paisagem cultural. Os pontos nevrálgicos sobre os quais gostaria de seu parecer são: 1. O homem ocupa cada vez mais um espaço considerável da superfície do globo, de maneira definitiva e inevitável. Essa nova relação e o espaço ocupado caracterizam a paisagem cultural. 2. Se a argumentação para a preservação ambiental (prefiro este ao termo “conservação da natureza” pois este último sugere uma relação estática – não se conserva a natureza como sardinha em lata – e não dinâmica) não é de ordem econômica, ética ou estética, qual será? Também, particularmente, não acredito no evitar o tédio de meu amigo Faíçal. A argumentação não poderá estar em uma nova ou mais apropriada visão do próprio homem? Como ser vivo dependente da diversidade (natural, cultural, paisagística)? E na exploração de seu próprio interior (Jung)?” (GEISER, 4/10/82, p. 2).

E finaliza a carta com um pedido: “assim, gostaria de saber alguma coisa, qualquer coisa que o Sr. pensar sobre o exposto” (Idem).

A partir daí desvela-se um terreno fértil para que Flusser, olhando com sua postura fenomenológica os objetos, a natureza, o homem e meio ambiente, siga provocando, pontuando e informando um cenário sintomático político sociocultural, onde o modelo linear da ação do homem de progressivamente transformar natureza em cultura precisa ser abandonado em prol de um modelo circular, incluindo o lixo como terceiro elemento da outrora dialética homem/natureza.

E Flusser discorre sobre sua teoria:

Devemos, creio, abandonar o modelo linear, segundo o qual o homem transformaria, progressivamente, natureza em cultura pelo processo chamado “história”. O modelo que se impõe atualmente é circular: o homem vai transformando natureza em cultura pelo processo da “produção”, cultura em lixo pelo processo do “consumo”, e o lixo se transforma espontaneamente em natureza pelo processo da “decomposição”. O problema atual é o lixo: vai crescendo e sua decomposição em natureza é lenta (lixo atômico, matéria plástica, etc.). O acúmulo do lixo freia a circulação da história, e a história estagna (FLUSSER, 11/10/1982, p. 7).

Depois complementa:

Tal modelo impõe novas definições dos três terrenos da realidade: “Natureza” = conjunto daquilo que não é como dever ser. “Cultura” = conjunto daquilo que é como deve ser. “Lixo” = conjunto daquilo que é como não deve ser. O critério dessas definições é o “dever ser”, o “valor”. São definições políticas e é no contexto político, (histórico), que o problema deve ser visto” (FLUSSER, 11/10/1982, p. 7).

E por fim afirma:

O perigo que a natureza, (romântica), desapareça é nulo. Que o amigo se tranquilize. O lixo se encarrega, espontaneamente, de renovação contínua da natureza. Para demonstrá-lo,

reformularei um pouco as definições propostas: “Natureza” = conjunto dos objetos não informados pelo homem. “Cultura” = conjunto de objetos informados pelo homem. “Lixo” = conjunto de objetos desinformados pelo homem. O lixo se caracteriza por informação parcialmente gasta. Quando tal informação estiver inteiramente gasta, o lixo passa a ser natureza. Exemplo: vaca é mamífero informado pelo homem = cultura. Cadáver de vaca é mamífero no qual a informação humana é parcialmente gasta = lixo. Quando o cadáver se decompõe, a informação humana desaparecerá = natureza. A natureza jamais desaparecerá, enquanto houver lixo se decompondo (FLUSSER, 11/10/1982, p. 8).

Para esclarecer o modelo triádico “natureza-cultura-lixo” proposto pelo autor e confrontá-lo com nossa realidade de 2020, vamos correlacionar as correspondências entre 1981 e 1990 com os artigos *Da Gula* (publicado originalmente em 1963), *A Consumidora* (publicado originalmente em 1972), seu livro *Naturalmente* (1979) e suas três aulas: “Pós-história e o meio ambiente, pós-história e a cultura e pós-história e a educação”, patrocinadas pelo Cenafor⁴ e realizadas, em 1983, no auditório do MASP, em São Paulo. Todos os artigos, as aulas e correspondências estão disponíveis no Arquivo Vilém Flusser São Paulo⁵.

Este artigo pretende destacar a originalidade do pensamento de Flusser desde os anos 70, ao propor que a ecologia não se limitasse ao universo das ciências naturais e caminhasse rumo a um modelo que opera entre duas abordagens: arqueológica e futuroológica - uma ciência para o lixo -, uma vez que acreditava que é no lixo que estão as camadas reprimidas da sociedade que se reciclam na cultura e na natureza. É para esta camada que devemos nos ater se quisermos entender para onde caminha a chamada civilização⁶.

O LABIRINTO DOS PRODUTOS

“...porque atualmente existem ilhas crescentes na cultura, ...: a circunstância humana nessas ilhas está repleta de produtos (sejam eles duráveis ou perecíveis, distinção esta muito relativa). Estes produtos formam um labirinto no qual se movimentam os homens. Parcialmente ocupados na tarefa de produzir mais produtos. Parcialmente na tarefa de transportar os produtos de um lugar do labirinto para um outro. Parcialmente, (sempre mais desesperadamente), na tarefa de consumir os produtos e fazê-los desaparecer do ambiente. Parcialmente na tarefa sempre mais difícil de encontrar mutuamente e dar-se as mãos a despeito dos produtos que interferem e

4 O Cenafor (Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para a Formação Profissional) foi criado em 1969 e tinha por finalidade a preparação e o aperfeiçoamento de docentes técnicos e especialistas em formação profissional, bem como a prestação de assistência técnica para a melhoria e a expansão dos órgãos de formação e aperfeiçoamento de pessoal. A instituição foi incorporada pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE, do Estado de São Paulo, em 1987.

5 Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: <<http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/>>. Acesso em: 20 mar. 2020

6 Em “Comunicación intercultural, ecología y residuos: entre Palo Alto, Flusser y Guattari”, Víctor Echeto retoma as ciências arqueológicas (ecologia, psicanálise, etimologia, mitologia etc.) como, segundo Flusser, as causadoras de grandes modificações revolucionárias (Echeto, 2011). Baitello Jr., em “A serpente, a maçã e o holograma. Esboços para uma Teoria da Mídia”, contextualiza a reflexão de Flusser lembrando: “Aquele Flusser da passagem da década de 60 para a de 70 se ocupa com o diagnóstico de que as ciências arqueológicas ganharam importância ao se ocuparem com o lixo, deslocando a atenção da História e voltando-se para os detritos (“o passado recusado, jogado fora”) porque são eles que passaram a condicionar as perspectivas da sociedade futura. Podemos deduzir que a sociedade de consumo, entulhando e entupindo o mundo de lixo, não permitiu o vazio necessário para o surgimento de outras possibilidades de vida social e cultural. E que, sem a remoção do lixo “arqueológico”, adoecemos” (BAITELLO JR., 2010, p. 26).

e obstruem os caminhos de homem para homem. E parcialmente na tarefa de encontrar um caminho que conduza para fora do labirinto, (quicá rumo a natureza que desapareceu no além do horizonte). E em todos os cantos do labirinto está se amontoando lixo, isto é: produtos mal consumidos e jogados “fora” (FLUSSER, S.d-4, p.127).”

Somando à citação acima de 1972, seguimos com a correspondência de 1982.

Por certo: natureza que resulta de lixo não é como natureza virgem. Rinocerontes não surgem do lixo. Mas ervas daninhas e serras, estas sim podem surgir do lixo. O receio do amigo não é que não haja mais natureza tout court, mas que não mais haja natureza virgem. Pois eu duvido que tal natureza virgem tenha jamais existido desde que o homem é homem.... A mera presença do homem no mundo, (desse bicho munido de valores), deflorou a virgindade da natureza.... Mas não creio que haja coisa mais perversa que saudade da virgindade perdida (FLUSSER, 11/10/82, p. 8).

Repito: não há perigo que a natureza desapareça. O perigo é outro: que o lixo não se desinforme com rapidez suficiente. O perigo é sufocarmos no lixo. Urgem ciências do lixo. Já existem: ecologia, arqueologia, psicanalise, etimologia, para mencionar apenas algumas. Ciências que pesquisam aquilo que é como não deve ser... (FLUSSER, 11/10/82, p. 8).

Procurando assimilar as relações propostas pelo nosso autor, Geiser (11-02-1983, p.13) escreve: “Tenho refletido bastante sobre sua carta. Inclusive com amigos. Sua carta espanta e chega a chocar. Mas tudo indica que o senhor tem razão... Aceito o modelo circular, natureza-homem-lixo-natureza, no sentido político e filosófico. No sentido ecológico, teria alguns comentários”. E na sequência discorre sobre uma série de interrogações. Separamos aqui três delas, por interessarem ao objeto deste artigo:

Minha preocupação não é que a natureza desapareça. Minha preocupação é que o homem interfira de tal ordem, que o equilíbrio ambiental seja substituído por um desequilíbrio irreversível. A cultura pode se tornar inviável economicamente, salvo por uma pequeníssima minoria que locupletando-se sobreviverá às custas de uma minoria na extrema miséria. Isto também é cultura? A maioria na extrema miséria é lixo? (GEISER, 11-02-1983, p. 14).

Se a ecologia for aplicada antecipadamente sobre o meio ambiente antes que o homem a ocupe, e fornecendo diretrizes para orientar a ocupação, a ecologia continua sendo uma ciência do lixo? (GEISER, 11-02-1983, p. 14).

Acho que o problema da natureza é um problema de qualidade de cultura... Existe também uma contabilidade a ser feita: a contabilidade do sistema econômico e a contabilidade do sistema ambiental (um conceito de ecologia: é o corpo da ciência que estuda a economia da natureza). A postura ecológica deveria ser a priori e não a posteriori. Dai seria uma ciência da

sistema ambiental (um conceito de ecologia: é o corpo da ciência que estuda a economia da natureza). A postura ecológica deveria ser a priori e não a posteriori. Dai seria uma ciência da cultura e não ciência do lixo! (GEISER, 11-02-1983, p. 15).

Flusser responde às demandas de Rodolfo uma a uma, e destacamos aqui as três citadas acima:

Equilíbrio ecológico: O termo “equilíbrio” tem atualmente significado cibernético, não mecânico. O modelo não mais é a balança, mas determinada situação em jogo de xadrez ou go. Por isso não tem mais sentido dizer-se de uma situação que está “des-equilibrada”. Sentido tem dizer-se que o equilíbrio esta se reformulando constantemente. Mas o importante não é isso. Nenhum sistema está fechado, (nem sequer a natureza tomada como um todo): há sempre inputs e outputs. De maneira que “equilíbrio estável”, (caso limite), seria morte definitiva. Se a presença humana “des-equilibra” o ambiente, é que o está humanizando. O input, em tal caso, é a informação (espírito, sei lá), e o output é cultura (FLUSSER, 10-03-1983, p. 18).

“Ecologia antecipada: “Antecipar” significa “injetar futuro no presente”. “Pré-ocupação do terreno presente pelo futuro”. Pois se a ecologia se pre-ocupa com a natureza, é que está injetando lixo nela” (FLUSSER, 10-03-1983, p. 18).

“Economia da natureza: “Economia” significa, etimologicamente, regra de cozinha. “Oike = cozinha”. Ecologia significa, etimologicamente, conversa sobre cozinha. Pois o que interessa na cozinha são três coisas: (a) comida, (b) lixo, e (c) o que é preciso cozinhar para comer, e comer para poder cozinhar-se. A tal circularidade absurda da cozinha (c), a qual Platão chamou de “idiotice, caracteriza tudo o que tem a ver com economia e ecologia. Os habitantes do “ecossistema” são para Platão, “escravos”, porque giram em eterno retorno, e porque são privados de ideias, (valores). A vitória da economia sobre a política e a filosofia é, para Platão, a tirania, os escravos são reis. O mesmo vale para a ecologia... Atualmente, tais escravos são “funcionários” e “ministros de planejamento” (FLUSSER, 10-03-1983, p. 19).

Para entendermos a relevância deste modelo e transportá-lo para nossa realidade, vamos retomar o conceito dos três reinos propostos por Flusser.

O CONCEITO DE NATUREZA

Por natureza, Flusser (10/03/1983, p.19) diz ter apresentado “infinitas avenidas de acesso ao conceito em seu livro *Natural:mente*”, e neste artigo gostaríamos de considerar a natureza como crítica da cultura; um conceito cultural que não deve estar associado a uma natureza idealizada, mas sim a “naturezas” que cada sociedade e cultura informa e re-informa: “desde que homem é homem, vive em paisagem cultural, e não pode vivenciar a natureza”.

A distinção ontológica entre natureza e cultura não se sustenta existencialmente no presente contexto. De acordo com tal suspeita, a distinção ontológica a ser feita atualmente seria entre experiências determinantes e experiências libertadoras, duas categorias ontológicas que desprezam as tradicionais de “natureza/cultura” ou “dado/feito” (FLUSSER, 1979, p. 137).

O CONCEITO DE CULTURA

A cultura é concebida como conjunto de objetos informados pelo homem e as ciências da cultura pesquisam a intencionalidade humana que se esconde por detrás dos objetos.

A cultura é um organismo que devora a natureza, (produzindo bens), excreta natureza, (consumindo bens) e que cresce (poupando). Produzir significa arrancar pedaços à natureza, e dar-lhes valor e forma. Consumir significa gastar valores e formas e devolver os pedaços desvalorizados e desinformados à natureza. Poupar significa armazenar valores e formas. A cultura é, pois, armazém crescente de valores e formas. Engajar-se em cultura significa engajar-se em valores e formas, e contra o sem-valor e a tendência desinformante da natureza. ... É a meta do processo todo (do qual a natureza se aproxima assintoticamente⁷ é um estágio no qual a natureza é transformada em cultura, valorizada, informada – isto é, “humanizada” (FLUSSER, s.d.4, p.128).

O LIXO

O lixo, o novo reino estudado por Flusser, é o ambiente que recebe toda a cultura já parcialmente desinformada: aquela consumida e valorada pelo homem, juntamente com aquela que não queremos lidar, denominada pelo autor de “recalcada”; um passado reprimido, que não quer ser visto e muito menos digerido.

O lixo é o passado da cultura, como a natureza é o seu futuro, e a idade da cultura pode ser calculada pela relação “natureza:lixo”. Mas o lixo é um passado recalcado, fato este que explica ele ter surgido à tona apenas recentemente, quando a cultura entrou em idade avançada (senilidade, pós- história, plenitude dos tempos). Com efeito a cultura tem dois passados: uma tênue camada superficial de valores e formas armazenadas, e as grossas camadas recalçadas e subjacentes do lixo. A tênue camada é o passado assumido, (isto é, guardado na memória, portanto sempre apresentável e disponível). É este o passado histórico no sentido restrito do termo. As grossas camadas são o passado recusado, jogado fora, aparentemente eliminado e superado, (isto é: esquecido e, portanto, não apresentável). É este o passado consumido da cultura (FLUSSER, s.d. 4, p.129).

⁷ Ao publicar o texto A Consumidora na revista Comentário, o editor acrescentou uma nota explicativa ao termo “assintota”. “Assintota é, na Matemática, uma reta tal que a distância de um ponto de uma curva a essa reta tende para zero, quando o ponto se afasta indefinidamente na curva. O autor se refere a esta tendência para zero” (FLUSSER, 1972, p. 36).

O PEIXE MORRE PELA BOCA

Foi em seu artigo *A consumidora* (1972), que Flusser apresentou a urgência de se pensar uma nova relação com a natureza e a cultura a partir do que ele chama de pós-história⁸; e, é neste modelo que o lixo passa a ser considerado como o terceiro reino.

O autor inicia seu raciocínio alertando que considera o termo “sociedade de consumo” como um chavão construído “por infiltração constante e endêmica, que acaba por encobrir a realidade que procura captar, e que cria simultaneamente, a ilusão de tê-la revelado”; nos faz acreditar que estamos “enquadrados” dentro deste contexto histórico: “somos para frente – e nos dispensa do esforço penoso de realmente pensar as profundas mudanças que estão ocorrendo na circunstância que nos cerca” (FLUSSER, S.d. 4, p.126).

Flusser (S.d.4, p. 126) afirma que não somos capazes de consumir uma grande parte dos produtos que sobre nós se precipitam e propõe novo nome para esta circunstância: “sociedade impotente para o consumo”.

Cabe aqui um parênteses no raciocínio de Flusser, conforme seu artigo *Da Gula*, quando contrapõe a distinção entre fome e gula na cultura ocidental e oriental e observa que para o Oriente a ideia de gula não existe: se nós ocidentais matamos a fome comendo, os sábios orientais ensinam que “comer significa alimentar a fome e não matá-la”. Essa versão sobre o fenômeno nos parece ponto importante para termos em mente ao nos debruçarmos sobre a dinâmica dos três reinos (FLUSSER, S.d-5, p.91).

Em estudo anterior, Baitello (2010, p.15) destaca que Flusser propõe “uma filosofia da gula, pois a gula afasta o homem da engrenagem da vida, impedindo até mesmo que este sirva de alimento para outras espécies”. Mostra que, na perspectiva de Flusser, dentro em breve, o homem nem mesmo “servirá de alimento aos protozoários e aos vírus”. E complementa: “ele cunha sua marca indelével, promovendo a inversão sujeito-objeto no processo de devorador da sua própria criação ou produção – os tais “excrementos” (as máquinas e a produção industrial), o homem passa a ser devorado por eles”.

O recurso da inversão vai se tornando uma marca do pensamento de Flusser, perpassando sua obra, dos primeiros tempos brasileiros, dos quais “*Da Gula*” faz parte, aos últimos tempos europeus. Talvez por esse motivo, por esse olhar invertido, sua obra venha a despertar sempre um fascinante estranhamento nos leitores, uma captura provocada pelo elemento surpresa (BAITELLO, 2010, p.16).

Nesse contexto, a epígrafe deste artigo ecoa novamente aqui: “doravante o homem servirá de alimento aos seus próprios excrementos. Será devorado por seus instrumentos, suas instituições, suas doutrinas e seus testes (refere-se aqui aos testes de QI, Rorschach, etc)” (FLUSSER apud BAITELLO, 2010, p. 15)⁹.

⁸ “Pós- história é o eterno retorno do esforço do homem para superar os engenhos que ele próprio provocou, mas os quais ameaçam engoli-lo sob forma de um totalitarismo programado” (FLUSSER, S.d-2, p. 47).

⁹ Neste sentido é que pensa uma “coprologia”, como “estudo das fezes”, como ramo da biologia e da medicina voltado para a análise dos excrementos animais ou humanos. A palavra nasce a partir do grego “kopros”, “fezes”.

E uma vez que esta dinâmica está inserida no contexto histórico e político, acaba por orientar a civilização para um engajamento em defesa da cultura – a cultura é o canal que transforma natureza em lixo. E o problema crucial passa a ser em como apressar a decomposição do lixo em natureza (11/10/82, p. 8).

O lixo que está inundando a cultura na forma de produtos mal digeridos e vomitados (produtos materiais e ideais), não apenas atrapalha os passos dos homens que perambulam no labirinto, [...] mas ainda atrai os homens com sua moleza informe de lodo. Uma parte da geração mais nova revolve-se no lixo, tomada de uma “nostalgie de la boue” remanescente da saudade da natureza do romantismo. Tomam eles por engano ontológico, o lixo por natureza (FLUSSER, s.d.4, p. 127).

São duas as maneiras circulares propostas para o processo de transformação do lixo. Primeira: “Podemos querer apressar a transformação do lixo em natureza como fazem os verdes alemães ou os alternativos ingleses”. Aqui, Flusser aponta para o fato que estes movimentos são verdadeiramente engajados não em favor da natureza, mas contra o lixo: “querem transformar o lixo em natureza para depois poderem transformar a natureza em cultura... Significa: queremos árvores para transformá-las em mesa”. E a segunda: “Podemos querer re-transformar o lixo novamente em cultura. Reciclagem”. ... E faz perguntas decisivas para pensarmos nosso estar no mundo contemporâneo: “Cultura que surge do lixo será a mesma que surgiu da natureza? Qual será o clima existencial em tal cultura palimpsesto?” (FLUSSER, S.d-412, p.7).

POR UMA “ANTROPOLOGIA COPROLÓGICA”

Em 03/06/1983, Geiser escreve para Flusser:

Sobre a insatisfação do movimento ambiental, também conversei com o Aziz Ab’Saber¹⁰. Também está aborrecido. Acha que “o movimento está se esgotando nas próprias pessoas que atuam”, “que a solução poderia estar em uma universidade aberta, formando novos quadros”, “que há um ódio da participação às ações”, “que há uma aversão pelo conhecimento ...”. Sobre este último aspecto, entendo o seguinte: existem muitas pessoas que participam do movimento ambiental, sem saber o que é ecologia; com isso o movimento perde a medida (assim luta-se por uma árvore da mesma maneira que luta-se pelo Pantanal Matogrossense); como se todas as pessoas soubessem intuitivamente o que ecologia e não houvesse mais necessidade de informação” (GEISER, 03/06/1983, p.24).

“Pois bem, estou contando tudo isso porque Maria Lilia Leão me disse que você virá ao Brasil em agosto e teria interesse em fazer palestras A Sociedade Brasileira de Paisagismo poderia patrocinar uma ou talvez mais palestras sobre a questão acima: razões e características do

¹⁰Geógrafo e professor universitário. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/pessoas/pasta-pessoa/aziz-absaber>>. Acesso em: 25 fev. 2020

movimento ambiental, bem como o alicerce básico que o Sr achar necessário... O que v. acha disso?" (GEISER, 03/06/1983, p. 25).

Na pronta resposta datada em 08/06/1983, Flusser diz:

"Muito grato pelo gentil convite. Estou vivamente interessado no tema, que fez parte, como você sabe, das minhas reflexões sobre a sociedade pós-industrial e dos desafios dela decorrentes. Proponho à sua consideração o seguinte: Razões, características e rumos do movimento ambiental: (1) Reflexões sobre o lixo, (em prol de uma coprologia) (2) Reflexões sobre a reciclagem, (modelos circulares)(3) Reflexões sobre o ambiente, (para uma proxêmica)."

No rumo da história, as palestras acima não se realizaram por falta de um patrocinador interessado, e Geiser comunica o ocorrido a Flusser em 24/07/1983. Mas os modelos que Flusser apresenta para o assunto realidade-ecossistema nos parecem extremamente interessantes e para este artigo vamos nos ater à coprologia como uma ciência arqueológica.

Elaborar e aprofundar um estudo para o lixo é perceber as contradições inerentes a condição humana de ek-sistir¹¹ isto é olhar para esta necessidade humana de formular valores – formular como devem ser as coisas –, mas considerando a urgência de nos tornarmos conscientes da nossa impotência para o consumo (FLUSSER, 02/05/1990, p. 66).

Pois acontece que tal terreno do lixo não pode ser definido como simplesmente dos valores em decomposição, porque se infiltra nos terrenos dos valores, da cultura. Deve ser definido como terreno dos anti-valores. O lixo é como não deve ser porque problematiza os valores realizados em cultura. Todos estes sapatos deformados, essas garrafas plásticas na praia, todo este kitsch, essas ideologias mal digeridas, estes complexos mal reprimidos se afiguram como monstros que devoram valores em vez de voltarem para a natureza, ex. nazismo (FLUSSER, S.d-1, p. 41).

Assim, Flusser nos desafia a o olhar para o lixo, pensar uma ciência para o lixo – antropologia coprológica – para que juntamente com as “ciências que pesquisam aquilo que é como não deve ser”, possa se descobrir técnicas para apressar a decomposição destas coisas nojentas que são as algas vermelhas, lixo atômico e complexos de Édipos (FLUSSER, S.d-1, p. 42).

A síntese das articulações propostas pelo autor sugere que ao nos aprofundarmos em uma ciência “coprológica”, rememorando-a, possivelmente deixaremos de nos condicionar ao movimento circular constante e endêmico – produção, consumo, lixo e produção novamente-, e assim compreenderemos a urgência de nos tornarmos engajados na ideia de quebrar este ciclo vicioso.

11 De acordo com Flusser, trata-se do consenso da tradição filosófica que “somos anti-natureza”, e que não in-sistimos no mundo, mas que “ek-sistimos”. Disponível em: <http://www.arquivovilemflussersp.com.br/vilemflusser/?page_id=919>. Acesso em: 15 fev. 2020.

NOSSA REALIDADE ESTAGNADA

O modelo flusseriano para entendermos nossa existência – olhar para as camadas da realidade – passa por entendê-la como campo de relações.

Há pelo menos duas gerações que a dita realidade não mais pode ser concebida enquanto conjunto de elementos, (objetos), mas enquanto conjuntos de relações (enquanto “campo” ou “rede”). Na física (tanto das partículas como na cosmologia), na química, na genética, na psicologia, na sociologia, na linguística, na etologia, o fenômeno não mais se apresenta enquanto objeto ligado a outro objeto, mas enquanto relação que liga objetos. E cada qual das disciplinas enumeradas chega a tal conclusão por razões específicas e diferentes das outras (05/03/1988).

Na epistemologia, “conhecimento” não é mais visto enquanto encontro entre conhecedor e conhecido, mas enquanto relação que resulta em conhecedor e conhecido. Na fenomenologia, a tradicional distinção entre sujeito e objeto é abandonada em prol do conceito de “Lebenswelt” (mundo vital), da qual sujeito e objeto são extrapolações abstratas. Em outros termos: em todas as tais disciplinas o interesse se desvia do estado das entidades definidas para o estado do contexto (05/03/1988).

E em uma outra correspondência de 04/04/1988, Flusser desafia Geiser para a urgência de um pensar fenomenológico: “abandonarmos conceitos como “classe”, “espécie” ou “tipo”, e tentarmos pensar em termos concretos “isto aqui agora”” (04/04/1988, p.46).

Trazendo para nossa conclusão e realidade brasileira de 2020, fica clara a importância de olharmos para nosso entorno considerando as diversas camadas sobrepostas e inter-relacionadas no curso do tempo, e o quanto uma abordagem antropológica para o lixo pode nos ajudar a reverter um percurso da história brasileira claramente emaranhada nos seus dejetos.

Quando no início deste artigo, Geiser disse ter convidado Flusser nos anos 60 para ir à sua casa e conversar sobre o significado das crateras deixadas pela mineração em Itabira, e caso esta conversa tivesse sido de interesse e/ou expandida dialogicamente entre os responsáveis pela condução da Vale do Rio Doce, na época ainda uma empresa estatal, talvez não teríamos ali o início do que é considerado o maior desastre ambiental da história brasileira e o segundo maior desastre industrial do século: os rompimentos das barragens de Mariana em 2015 e Brumadinho em 2019, crimes cometidos sob a batuta da empresa privatizada.

Desta forma, fica claro que a troca de cartas com Rodolfo Ricardo Geiser sugere que Vilém Flusser, um construtor de cenários, pode ser considerado precursor de uma ciência que ganhou enorme importância nas décadas seguintes. Mais que isto, ao engajar-se em um tema tão fundamental como o lixo, nos desafia a compreender e a nos engajar no combate não apenas ao lixo físico, mas também ao lixo cultural, moral e civilizacional, uma vez que “as grossas camadas” de lixo de todo tipo produzido pela sociedade de consumo

podem nos consumir. Convém lembrar que a palavra consumir vem de “consumere” em latim e significava “comer, devorar” ou “destruir, dar cabo”.

REFERÊNCIAS

BAITELLO Jr., N. Comunicação: as armadilhas das definições simplificadoras e/ou iluminadoras. *Líbero*, São Paulo, v.20, n.39, p.9-15, 2017. Disponível em: < <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/issue/view/48>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

_____. A terceira catástrofe do homem ou as dores do espaço, a fotografia e o vento. *Flusserstudies.net*, Lugano, n. 3, 2006. Disponível em: < <http://www.flusserstudies.net/>> . Acesso em: 10 fev. 2020.

_____. A serpente, a maçã e o holograma. *Esboços para uma Teoria da Mídia*. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. Photography and the Worm. In: GIANNETTI, C. (Org.). *Something other than Photography: Photo & Media*. v. 1, p. 119-124. Oldenburg: Edith-Russ-Haus für Medienkunst, 2013.

FLUSSER, V. Pós-história. *Vinte instantâneos e um modo de usar*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

_____. *Natural:mente*. Vários acessos ao significado de natureza. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

_____. Correspondência a Rodolfo Ricardo Geiser. Cor_16_6-GEISER_3142. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=919>. Acesso em: 28 out. 2019.

_____. Pós-história e meio-ambiente. S.d-1, p. 40-43. Courses 7_2. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1397>. Acesso em: 28 out. 2019.

_____. Pós-história e cultura. S.d-2, p. 44-47. Courses 7_2. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1397>. Acesso em: 28 out. 2019.

_____. Pós-história e educação. S.d-3, p. 48-50. Courses 7_2. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível

em: <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1397>. Acesso em: 28 out. 2019.

_____. A consumidora. (S.d-4, p.126-136). Essays 1_Portuguese- A_10_A. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1565>. Acesso em: 28 out. 2019.

_____. A consumidora consumida (isto é: a mulher vista pela sociedade que a faz consumir e que a consome). Comentário - revista trimestral que comenta o mundo e seus problemas, Rio de Janeiro, v. 13, n. 51, p. 35-46, 1972

_____. Da gula. (s.d-5, p. 91-92). Essays 5_Portuguese- D_DA. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1569>. Acesso em: 28 out. 2019.

GEISER, Rodolfo. Entrevista [Mensagem pessoal]. Mensagens recebidas por robertadabdab.9@gmail.com em 11 março e 1 abril 2020.

_____. Mira Schendel: a amiga e uma visão de sua obra. Blog de Rodolfo Geiser, 2014. Disponível em: <https://rodolfogeiser.com.br/blog/2014/08/30/mira_schendel/>. Acesso em: 05 mar. 2020.

MENEZES, J.E.O.; KÜNSCH, D.A. O terraço é o mundo: Vilém Flusser e o pensamento da compreensão. Galáxia, São Paulo, n. 35, p. 119-131, 2017. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/29036/23247>>. Acesso em: 10 fev. 2020.